

# AGRICULTURA FAMILIAR: RELATÓRIO EXECUTIVO

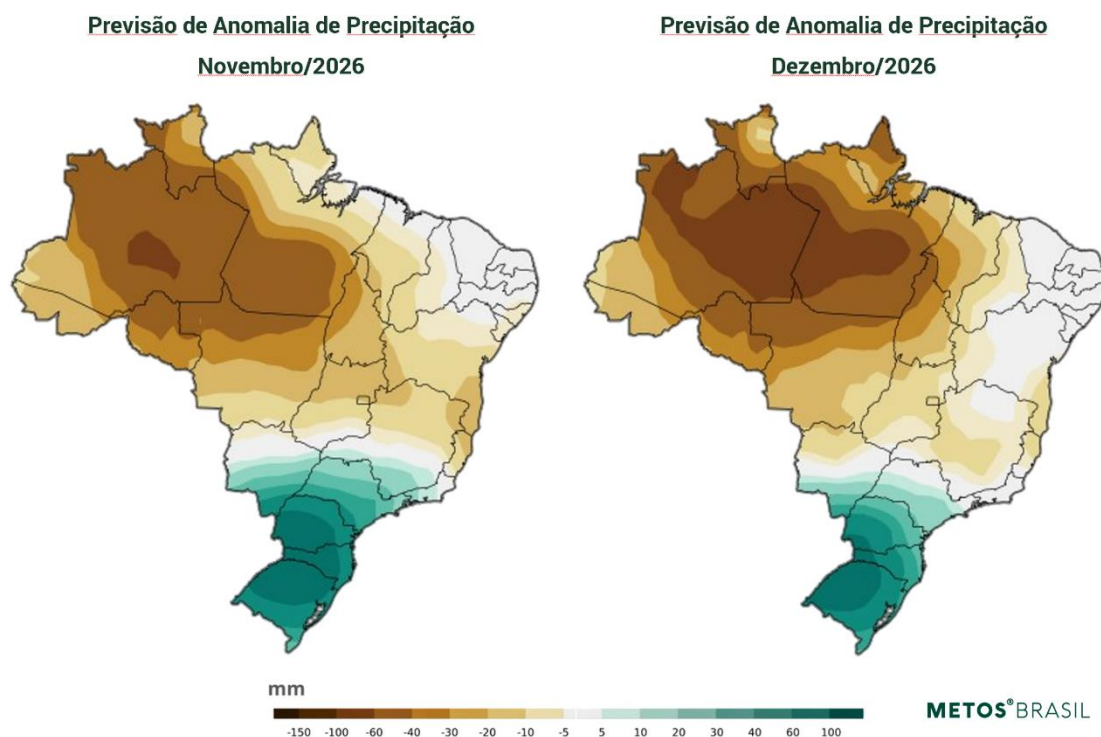
Safras, Clima, Custos, Rentabilidade e Tendências dos Mercados Agrícolas – 2026/2027

Outubro 2026 | Cogo Inteligência em Agronegócio



## Clima – El Niño muito forte amplia riscos para as safras

O El Niño deverá permanecer forte a muito forte durante a primavera e o verão de 2026/2027. No Sul, chuvas excessivas elevam os riscos de encharcamento, doenças e atrasos no plantio. No Centro-Oeste, a irregularidade das precipitações ameaça a soja e a janela da segunda safra de milho. Norte e Nordeste enfrentam maior risco de déficit hídrico. O clima será decisivo para a produtividade e os preços em 2027.



## Fertilizantes – demanda fraca em 2026, riscos crescentes para 2027

As importações brasileiras de fertilizantes recuaram 15,6% entre janeiro e setembro, enquanto as vendas domésticas caíram 9,2%. Não há indicação de desabastecimento generalizado na safra de verão, mas os riscos aumentam para 2027. Nitrogenados preocupam na segunda safra de milho, enquanto a escassez e o encarecimento do enxofre ameaçam a oferta de fosfatados em 2027/28. O potássio apresenta situação mais confortável.

## **Café – maior oferta limita altas, mas qualidade sustenta prêmios**

A maior disponibilidade de café após a colheita 2026/2027 limita a recuperação dos preços, enquanto a valorização do real pressiona as cotações internas. As exportações brasileiras cresceram 20% em setembro, alcançando 3,9 milhões de sacas. A menor oferta de grãos superiores sustenta prêmios por qualidade. Para a safra 2027/2028, as chuvas favorecem as floradas, mas o El Niño mantém riscos climáticos. A tendência é de volatilidade, com recuperação limitada pela oferta elevada e recomposição dos estoques.

## **Citros – estoques maiores e demanda fraca pressionam preços**

A desvalorização da laranja industrial piora a relação de troca com fertilizantes, pressionando as margens e podendo comprometer a adubação dos pomares. Em contrapartida, a valorização da lima ácida tahiti melhora o poder de compra dos produtores. As exportações brasileiras de suco de laranja cresceram 12,4% em volume entre julho e setembro, mas a receita recuou 30%. A recuperação dos preços dependerá de uma retomada consistente da demanda internacional, especialmente na Europa.

## **Batata – oferta elevada e perda de qualidade pressionam preços**

As médias da batata ágata especial são de R\$ 81,95 por saca no atacado de São Paulo, de R\$ 76,38 por saca em Belo Horizonte e de R\$ 84,13 por saca no Rio de Janeiro. Apesar das chuvas, os produtores mantêm a colheita da safra de inverno, que permanece atrasada. O prolongamento das operações e o excesso de umidade reduzem a qualidade dos tubérculos e o valor de comercialização. A oferta também aumenta com a entrada de áreas cultivadas em períodos de preços elevados. Ao mesmo tempo, a menor demanda provoca sobras nos atacados e reforça a pressão sobre as cotações.

## **Tomate – chuvas elevam a pressão de doenças bacterianas**

As lavouras de tomate da safra de inverno em Araguari, Minas Gerais, enfrentam elevada pressão de doenças bacterianas, com destaque para a mancha-bacteriana e a pinta-bacteriana. O excesso de umidade favorece o avanço dessas doenças, reduz a área foliar, provoca a queda de flores e frutos pequenos e causa manchas nos tomates. As chuvas frequentes também dificultam as aplicações de defensivos e comprometem o controle fitossanitário. Como resultado, aumentam os riscos de perdas de produtividade, redução da qualidade e dificuldades na comercialização. A colheita das áreas mais tardias está prevista para começar entre novembro e dezembro.

## **Cebola – oferta restrita sustenta a alta dos preços**

A menor disponibilidade nacional de cebola mantém as cotações em alta em Irecê, no Vale do São Francisco e em Baraúna. A proximidade do encerramento da safra paulista e a desaceleração das colheitas no Cerrado favorecem o escoamento da produção nordestina, especialmente de Irecê. Apesar dos bons rendimentos, as temperaturas elevadas e o clima seco aumentam a incidência de tripes e da mosca-minadora, dificultam o manejo fitossanitário e reduzem a produtividade em relação à temporada anterior. A cebola nordestina, entretanto, apresenta qualidade superior à de outras regiões afetadas pelo excesso de umidade. A cebola amarela híbrida alcança R\$ 126,00 por saca em Irecê, R\$ 118,00 por saca no Vale do São Francisco e R\$ 121,00 por saca em Baraúna.

## **Folhosas – excesso de chuvas reduz a oferta e eleva os preços**

O excesso de chuvas dificulta o cultivo de folhosas e outros produtos hortícolas em Mogi das Cruzes, São Paulo. O encharcamento do solo restringe as atividades de campo, prejudica a absorção de nutrientes e compromete o desenvolvimento das plantas, especialmente da alface americana, mais sensível à umidade elevada. Os descartes e a má formação reduzem a disponibilidade e sustentam a valorização. A alface crespa alcança R\$ 37,50 por caixa com 20 unidades, enquanto a alface americana é comercializada a R\$ 36,20 por caixa com 12 unidades. Os produtores reduzem os plantios das variedades mais sensíveis, o que pode prolongar a oferta restrita e provocar uma lacuna de abastecimento nos próximos meses.

## **Boi – oferta restrita mantém viés de alta**

A oferta limitada de bovinos prontos para abate, a demanda doméstica firme e as exportações sustentam o viés de alta do boi gordo. Em São Paulo, a arroba está em R\$ 384,95, alta de 4,9% nos últimos 30 dias. Entre janeiro e setembro, as exportações de carne bovina atingiram 2,113 milhões de toneladas, recuo de 1,5%. A aproximação da retomada das compras chinesas para a cota de 2027 pode intensificar essa valorização, enquanto o início da retenção de fêmeas tende a restringir gradualmente a oferta. Para 2027, reposição valorizada e menor disponibilidade de animais reforçam a perspectiva de preços firmes.

## **Frango – demanda e exportações favorecem recuperação**

O mercado de frango apresenta recuperação dos preços, sustentada pela demanda doméstica firme, oferta ajustada e forte desempenho das exportações. Em São Paulo, o frango vivo está em R\$ 5,38 por Kg, alta de 1,9% em 30 dias, embora ainda acumule queda de 1,7% em 12 meses. Entre janeiro e setembro, as exportações alcançaram 4,085 milhões de toneladas, forte avanço

de 13,1%. A possível retomada do acesso à União Europeia amplia as perspectivas para a demanda externa. O equilíbrio da oferta e a continuidade do consumo serão determinantes para sustentar a recuperação.

### **Suíno – preços reagem com a redução da oferta**

Os preços dos suínos apresentaram a primeira reação de 2026, favorecidos pela redução da oferta, melhora da demanda e formação de estoques para o fim do ano. Em Santa Catarina, o suíno vivo está em R\$ 5,94 por Kg, com alta de 11,0% nos últimos 30 dias, mas ainda acumulando forte queda de 28,2% nos últimos 12 meses. As exportações de carne suína atingiram 1,032 milhão de toneladas entre janeiro e setembro, alta de 4,8%. A melhora sazonal do consumo e os embarques podem sustentar novas altas, mas a elevada disponibilidade doméstica ainda limita uma recuperação mais consistente das cotações.

### **Leite – mercado estável ao produtor, mas pressão de baixa aumenta**

O preço médio do leite cru pago ao produtor permanece praticamente estável, com a média brasileira de R\$ 2,88 por litro, avanço mensal de 0,7% e alta real de 9,2% na comparação anual. Entretanto, o enfraquecimento do mercado atacadista aumenta a pressão sobre as cotações. As importações brasileiras de lácteos avançam 8,4% em setembro e alcançam o equivalente a 249,6 milhões de litros de leite. No comparativo anual, as compras externas aumentam 25,9%, ampliando a disponibilidade interna. Ao mesmo tempo, os custos da pecuária leiteira sobem 0,46% em setembro, pressionados principalmente pelas despesas com nutrição. A combinação entre derivados em queda, importações elevadas e custos crescentes reduz as margens e reforça a perspectiva de pressão baixista sobre o preço ao produtor.

### **Máquinas Agrícolas – vendas seguem em retração em 2026**

Os novos dados de vendas no varejo mostram que o mercado brasileiro de tratores agrícolas permanece em retração, refletindo o elevado endividamento dos produtores, a compressão das margens agrícolas e o custo ainda elevado do financiamento. Entre janeiro e setembro de 2026, foram comercializadas 30.423 unidades, contra 35.541 no mesmo período de 2025, representando queda de 14,4%. O resultado confirma um ambiente de investimentos restritos, apesar das expectativas de recuperação associadas às novas linhas de crédito para mecanização agrícola.

O desempenho de setembro reforça as dificuldades enfrentadas pelo setor. Foram vendidos 3.266 tratores, contra 5.389 unidades em setembro de 2025, retração de 39,4%. A queda mensal, significativamente superior à acumulada no ano, indica que a recuperação esperada com a liberação

de recursos do Plano Safra 2026/27 e do Move Agrícola ainda não se traduziu em crescimento efetivo das vendas ao consumidor final.

A John Deere manteve a liderança individual, com 8.121 tratores vendidos e participação de 26,7%. Entretanto, suas vendas recuaram 21,9% em relação às 10.397 unidades comercializadas no mesmo período de 2025, desempenho inferior à média da indústria. Sua participação caiu de 29,3% para 26,7%, perda de 2,6 pontos percentuais, evidenciando maior pressão competitiva sobre a principal fabricante do mercado.

A AGCO, formada por Massey Ferguson e Valtra, comercializou conjuntamente 8.088 tratores, equivalentes a 26,6% do mercado, praticamente igualando a participação da John Deere. O volume representa retração de 15,4% frente às 9.556 unidades de 2025. A Massey Ferguson vendeu 4.206 unidades, queda de 16,5%, enquanto a Valtra comercializou 3.882 unidades, retração de 14,1%. A Valtra apresentou desempenho ligeiramente superior à média da indústria e ampliou marginalmente sua participação de mercado.

A CNH, formada por New Holland e Case, continuou apresentando retração superior à média do setor. As vendas conjuntas somaram 6.565 tratores, queda de 25,8% frente às 8.847 unidades do mesmo período de 2025. A participação conjunta recuou de 24,9% para 21,6%. A New Holland comercializou 4.646 unidades, retração de 25,2%, enquanto a Case vendeu 1.919 tratores, queda de 27,2%. Ambas perderam participação, indicando dificuldades para preservar suas posições competitivas no atual ciclo de menor demanda.

Entre as demais fabricantes, a Yanmar apresentou o principal destaque positivo, com crescimento de 2,6%, passando de 3.717 para 3.815 unidades. Sua participação avançou de 10,5% para 12,5%, ganho de dois pontos percentuais. A Mahindra comercializou 1.542 unidades, queda de 19,3%, enquanto a Agritech registrou 723 unidades, retração de 17,9%. A Agrale vendeu 189 unidades, redução de 18,5%. A LS Tractor alcançou 1.380 unidades e participação de 4,5%, consolidando sua presença no mercado. Como não há base comparável de vendas da marca em 2025 no levantamento, não é possível calcular sua evolução interanual.

Visão da Consultoria: O mercado brasileiro de tratores deverá encerrar 2026 em retração, apesar da ampliação das alternativas de financiamento. A queda de 39,4% nas vendas de setembro demonstra que a recuperação ainda não chegou de maneira consistente ao varejo. A efetividade do Move Agrícola, a velocidade de liberação do crédito e a capacidade financeira dos produtores serão determinantes para o desempenho do último trimestre. No ambiente competitivo, destacam-se a perda de participação da John Deere e da CNH, a aproximação da AGCO à liderança. A pressão dos equipamentos importados também deverá continuar influenciando as estratégias comerciais e a formação de preços da indústria nacional.

*Fontes: Cogo Inteligência em Agronegócio, com base em dados próprios, Cepea/Esalq-USP e fontes oficiais e setoriais.*